

« Sonhei um dia qu'era amada...  
 Oh! jamais me ha de esquecer!  
 Que ouvi esta jura sagrada;  
 — Hei de amar te até morrer!  
 Mas seu labios mentiam,  
 Quando assim me repeliam:  
 — Hei de amar te até a morte!  
 O amor que eu sonhara,  
 A esperança que m'alentara,  
 Era tudo irrisão da sorte!

« Amor creanças... tudo lhe dava,  
 Na minha ingenua credulidade  
 E que existisse, eu não suspeitava,  
 No seu peito — a falsidade...  
 Mas ó atroz desventura,  
 Da minha immensa ternura  
 O amante infiel rombou...  
 Esse amor tão santo,  
 Qu'era todo o meu encanto  
 Sua mão cruel, despedaçou. »

« Oh! sonhos da mocidade!  
 Oh! doces illusões d'amor!  
 Tudo roubou-me, a fatalidade  
 Deixando-me cruciante dor!  
 E dizem, qu'endoureci!  
 Não, não... eu já morri...  
 Esta sombra gemedora,  
 Aqui nas grades tão triste,  
 É tudo quanto existe  
 Da pobre Leonora. »

— A infeliz entristecida  
 Curva a fronte soluçante,  
 Quando o subiu em despedida  
 Solta o uivo o desceante:  
 Apoz ouve se um gemido,  
 Em seguida um di sentido...  
 Tremem as grades da prisão...  
 E qual um branco lyrio,  
 Agitando se em delirio,  
 Rola a doida pelo chão!

ANALIA FRANCO

Largo do Arouche n. 55

N. R.

Anno II — S. Paulo, 30 de Abril de 1899 — N. 13

## ALBUM DAS MENINAS

REVISTA LITTERARIA E EDUCATIVA DEDICADA AS JOVENS BRASILEIRAS  
 PROPRIEDADE DE ANALIA FRANCOPagamento  
por semestre

PREÇO DA ASSIGNATURA, 50000 TOS SEMESTRE

Num. avulso  
R\$. 15000

## Os Grandes Pensadores

A escolha dos livros para a leitura da mocidade, depois da educação da escola é um dos problemas de mais alta importancia, e entretanto me parece desprezado por quasi todos os que se preocupam com as questões educativas, como se a escola por mais amplo que seja o seu programma, habilitasse o homem a crêr que concluiu a sua educação.

Orá se a vida humana é um aprendizado perpetuo e o prazer da leitura uma necessidade que os homens de todos os seculos e paizes teem almejado satisfazer ou communicando na escripta seus pensamentos, ou inspirando-se na leitura de pensamentos estranhos, como seguir esse aprendizado ou satisfazer esse desejo se não se tiver livros á sua disposição? Ficará por certo cada um condemnado a esquecer o que aprendeu na escola, ou a conservar sempre estreito o circulo dos seus conhecimentos. Assim pois o Estado que se limita só a

leitura  
bibliotecas

criar eschololas, deixa incompleto o fim que com ellas se propõe, desde que não promova tambem a leitura auxiliando aquelles que a desejam, ou inspirando o gosto d'ella a quem o não tiver. D'ahi a necessidade de bibliothecas populares, cuja feição característica seja servir para todos e para tudo, offerendo gratuitamente a todos, os generos de leituras de que possam precisar, permittindo a cada um fazel-a em sua casa, ou no proprio estabelecimento.

A sede inextinguivel do melhor do perfeito ou em summa do ideal lança sempre o homem em demanda da verdade, visto que o desejar é eterno e elle aspira incessantemente ao bem illimitado ou Deus que é o-bem infinito. N'este ponto o nosso seculo tem sido mais ambicioso que os outros, e, mais que outro nenhum insaciavel em todos os seus desejos.

No seu constante anhelar de tudo saber, a mocidade atirou-se desnorteadá a todas as leituras perigosas que os jornaes baratos proporcionam aos seus leitores, como unico alimento intellectual, e em vez de encontrarem os sentimentos que mais altos cabem na natureza humana, o heroismo, o devotamento a ternura, o amor acrisolado, a valentia do animo, só n'ellas acharam tudo o que era mais proprio a pervertel-a. E' que infelizmente muitos auctores em vez de aproveitarem estas disposições para fins moraes, trabalharam ao contrario para a decadencia dos caracteres e desnacionalisação da cultura, como se tivessem perdido a idéa da virtude e do pensar, escrevendo apenas por arte ou por industria, escriptos onde só se veem as exagerações morbidas dos casos pathalógicos, das aberrações mentaes que pertencem

ao dominio da sciencia, abysmando a litteratura nos lodações mais torpes da palavra, do estylo e da idéa. Essas leituras que todos os annos se publicam em França e em Inglaterra aos milhares e cujas traducções inundam o mundo inteiro, matam n'alma juvenil a crença, a fonte sublime de todo o ideal e de todo o grande e generoso amor, deixando-a n'uma especie de marasmo intellectual que a esterilisa, ou n'um revoltante cynismo que a corrompe atirando-a desnorteadá á posse exclusiva da felicidade material. E o peor ainda é que essas leituras em que se inflora o adulterio, e se derroca os alicerces da familia são ordinariamente as que se imprimem muito mais vezes, porque quasi todos a cumpram, talvez para aprenderem n'ellas as normas educadoras dos tempos actuaes. No geral applaude-se um livro util, mas ninguem o compra. ao passo que o inutil ou pernicioso ninguem approva e todos o compram.

Estas reflexões veem á proposito d'um livro, valioso brinde com que distinguio-me o seu auctor o snr. Dr. Tullio de Campos, pedindo ao mesmo tempo o meu juizo critico.

Tem por titulo « a bibliographia dos Grandes Pensadores. » Não conheço o seu auctor senão por esta publicação, mas desde que a li, senti o desejo de fallar sobre ella, não para critical-a o que seria demasiada pretensão, mas simplesmente para conversar com o restricto numero dos meus leitores, sobre as impressões suggeridas por esse livro, cuja leitura me parece consolodora, sã, fortificante e boa. Uma das partes mais util da moderna litteratura tem sido o reunir ou enfeixar os amplos productos da intelligencia com uma rapidez admiravel, d'aqui

tem surgido os pamphletos, os compendios e livros ligeiros ao alcance de todos. Foi o que fez o sr. Dr. Tullio e com o seu poder de evocação resuscitou em rendilhada moldura, alguns dos vultos mais eminentes d'essa pleiade de philosophos, historiadores e tribunos que abrilhantam as paginas da historia. Nessa pequena galeria de estudos moraes, onde a elevação do pensar e a graça do estylo se acham alliadas, ha realmente paginas brilhantes, e, embora algum meticuloso purista pudesse descortinar ligeiros senões, é fora de duvida que todos os que lerem este livro, hão de dar por bem empregado o tempo d'essa leitura, que é digna de ser adoptada nas nossas eschololas.

Em traços ligeiros dá-nos o seu auctor em magnifica impressão as bibliographias de Socrates, Xenophonte, Platão, Demosthenes, Aristoteles, Polybo, Cicero e Tito Livio entre os pensadores antigos estrangeiros; José Bonifacio, Lourenço de Gusmão, Silva Lisboa, Rocha Pitta, Azevedo Coutinho e Mont'Alverne entre os nossos. Esses vultos eminentes circumdados pela flamma divina do genio, entidades superiores, que com o brilho de sua luz illuminaram o mundo, caracteres integerrimos, escravos dos seus deveres e idolatras da gloria, serão sempre um vivo exemplo para indicar ás novas gerações o caminho a seguir.

Os grandes soes brilham no espaço porque condensam a luz, diz um auctor, assim as grandes almas vivem no tempo porque condensam a idéa. Tiveram comtudo imperfeições e defeitos, visto que por maiores que sejam os genios que admiramos a humanidade nunca se despe de todos as suas fra-

quezas, e por isso os defeitos dos homens nomeando-se mesmo Tito ou Henrique IV não podem ser motivos para escurecer-se as virtudes com que elles ennobreceram a vida.

Faz bem ao nssso espirito desconsolado pelo espectaculo do cynismo universal, da indiferença dissolvente, ironica e desdenhosa a leitura d'essas nobres vidas, cujo exemplo edificante nos impulsiona á lucta, ao trabalho e aos gozos austeros que dá o despertar da consciencia.

Agradecendo ao sr. Dr. Tullio o seu bello livro dir-lhe-hei ao terminar como um escriptor e poeta contemporaneo: « Os que professam na religião das letras obrigam-se o servir sempre os seus semelhantes no tocante aos interesses de um mundo muito superior, evangelizando a razão, apostolando o culto do bello e da virtude perseguindo os vicios que nos conduzem aos crimes... trabalhemos com afan de consciencia nas unicas obras humanas que podem ser perduraveis; e quando mancebos estudiosos, os potentes do seculo não iniciados no vosso mister, vos desprezem, consolae-vos d'essa honra, presae-vos da vossa obscuridade no presente, *pensando no porvir*, onde reinareis quando d'elles nem já os nomes remanescerem... »

S. Paulo, 10 de Abril de 1899.

ANALIA FRANCO



## As Francezas celebres

O que parece dar á litteratura franceza um inexprimivel accento, é a grande quantidade de escriptores de primeira plana que n'ella surgem, e que representam a feição essencialmente graciosa d'essa litteratura amavel. Em todos os ramos abundam em França as celebridades femininas, e encontram-se folheando a sua historia antiga e moderna, a resplandecerem nas suas paginas, vultos como o de madame Sévigné, cuja descuidosa correspondencia familiar tem sido desde o seculo do Luiz XIV até ao nosso o encanto de successivas gerações; madame de Stael, o genio varonil temperado pela delicadeza, e a sensibilidade e o bom gosto que soube escrever a um tempo *Corina* e *A Alle nanha*; madame de Girardin a folhetinista graciosa, a romancista delicada, a escriptora cuja estylo é uma fragancia; George Sand, a audaciosa pensadora, uma especie de Clorinda da litteratura, que vestia com inexcédível encanto a armadura dos paladinos da penna; madame Gay, mãe de madame de Girardin, notavel como escriptora, ainda mais como dona d'uma d'essas salas, onde a conversação tinha um throno, Mlle. Dejaset, a actriz sympathica e elegante, que assim se conservou até aos setenta annos, a estouvada *Frétillon* de Beranger; Augustine Braham, a fina interprete da comedia de sala; Madeleine Prohan, sua irmã no sangue e no talento, Rose Cheri, de que se dizia que era mais senhora que as senhoras.

É no passado madame Roland, a Aspasia pura d'esses alborigenses que eram os Girondinos, d'esse Pericles que se chamou Vergniaud; madame de Longueville, a rainha de Paris, a formosa guerreira da Fronda; madame Necker, escriptora sisuda, a mulher de quem seu marido dizia que lhe faltava um defeito para ser perfeita; madame de Genlis, cujos contos são ainda hoje as delicias das creanças; madame de Colanges, que escrevia tão lindas cartas; Mlle. de Scu-

déry, uma das entepassadas do romance moderno; Mlle. Aissé, o romance do seculo XVII; Mlle. de Tencin o escandolo e ao mesmo tempo o idolo d'esse seculo; madame de Lafayette a auctora da *Princesa de Cleves*; Mlle. de La Vallière, a doce Magdalena de Versailles; Ninon de Lenclos, a nunca arrependida, a sempre amavel peccadora; madame de Lambert, educadora sem rival Mlle de Lespinasse, que d'Alembert adorou madame de Chatelet, a amada de Voltaire; a sabia Emilia madame de Charrière, a auctora das *Cartas de Lausanne*; madame Cottin, a pura romancista; madame Des Hulières, a bucolica; madame Duran, a duqueza litterata madame Krudner, a mistica fundadora da Santa Alliança, madame de Rémusat, illustre por si e pelos seus; madame de Houdet, a quem o mysantropo Rousseau consagrou um louco amor, madame de Montmorency, que illuminou com doce luz o grande nome dos primeiros heroes christãos, Mlle. de Launay, a graciosa presa da Bastilha madame de Ventemille, a esplendida favorita; madame de Chantal, a confidente de S. Francisco de Salles; madame de Grammont, a espirituosa madame de Thianges, a encantadora; madame de Grignan, a estremecida filha de Sévigné.

E as companheiras dos grandes escriptores: madame de Lamartine, a caridosa, a santa madame Victor Hugo, que deixou viuvo o exilado, de cuja vida escreveu madame de Surville, filha de Balzac, de cujas obras se fez historiadora Marie Dumas, filha do grande romancista, que escreveu tambem um applaudido romance *Audi de morte*; madame Guizot, escriptora notavel, madame de Sardou, conselheira affavel e assisada de seu marido, a condessa Rossi, que resgatou no theatro com a sua magnifica voz as dividas do esposo. E um bom numero de outras, que deram realce com o seu talento, e o seu espirito á graça natural do sexo a que pertenciam.

Esta radiante constellação illuminou com suavissima luz o céo da França.

## Oração



*Oh! tu que tens compaixão  
Dos mais pequenos insectos;  
E ouves as tristes queixas  
Dos seres mais abjectos !*

*Que vestes os bellos campos  
Da mais peregrina cor:  
E derramas sobre a terra  
Do sol, a luz e o calor:*

*Que dás ao lyrio dos valles  
A veste branca e cheirosa ;  
Aos mimosos passarinhos  
A roupa leve e plumosa.*

*Que dás á debil liana  
O tronco do petiá;  
E pões na voz das florestas  
O nome de Jehová!*

*Dai aos seres qu idolatro  
Da santa paz a ventura,  
Não te lembres de seus erros  
Dai lhes a paz a ternura!*

*E quando o somno da mo te  
Vier seus olhos fechar,  
Sobre a terra onde dormirem  
Vem, Senhor, os despertar:*

ERNESTINA FAGUNDES VARELLA



## A Mulher e a sua educação

No meio dos mais assombrosos empreendimentos, o da poderosa e esplendida civilização do ultimo quartel do seculo XIX, não é por certo para alegrar aos corações patrioticos a deficiente e mal orientada educação que ainda hoje se dá á mulher.

Qualquer que seja o ponto de vista pelo qual posamos encarar a sua instrução, reconhecemos que a idéia sempre discutida, sempre debatida da emancipação feminina, que tanto tem inquietado aos partidarios do nosso obscurantismo, não passa entre nós duma vaga e longinqua aspiração.

Ainda que os paizes de adiantada civilização como a Inglaterra e outros, sejam de opinião geral que as faculdades intellectuaes, todas as aptidões naturaes da mulher são das mais proprias para desempenhar os arduos trabalhos de officina nas grandes administrações, sendo tambem capaz de elevantar-se pelo pensamento ao nivel do homem; nada ha porem de mais difficil do que destruir-se a barreira tenaz dos preconceitos estolidos, das convenções erroneas da sociedade; que levanta-se sempre com todas as suas exigencias, com todas as suas resistencias, para o retardamento de qualquer idéia civilisadora de grande alcance social. Por entre as irradições scintillantes de alguns dos raros talentos femininos, que tem surgido entre nós, doixando em sua passagem um rastilho luminoso, contrapõe se o quadro negro da nossa supina ignorancia. E ainda para mais agravar se uma tal situação, o limitado o superficial ensino que nos dão, dirige-se exclusivamente á intelligencia, ao passo que a nossa vontade e a nossa sensibilidade postas da parte, interrompem o seu desenvolvimento e ficam incuravelmente debéis.

Assim mal armadas contra as nossas proprias paixões, mal preparadas para sentil-as e dominal as, quando soa-nos a hora do aspero combate quotidiano, e da reci-

proximidade dos deveres que temos a preencher na sociedade, não raras vezes comprometemos e sacrificamos a família base essencial da ordem.

É realmente, se a mulher continua a aprender sozinha o que até hoje se lhe tem ensinado, o seu entendimento medianamente illuminado, bem longe de attingir esse grau de consciencia e de cultura indispensaveis para o longo conflicto da lucta incessante pela vida, onde n'uma civilisação adiantada as necessidades se multiplicam, ha de enlanguescer-se na ignorancia, vivendo na eterna dependencia.

Todavia não podemos deixar de convir que a mulher do presente, tem aberto diante de si um largo horisonte, e que se fosse educada n'uma elevada intuição da liberdade,

aliada a uma forte comprehensão do direito, poderia conquistar os mais lisongeiros destinos, estudando os difficeis problemas da sciencia, aperfeiçoando e animando as letras e as artes, incitando a industria a novas produções, e o commercio a novos commettimentos, sem contudo ultrapassar os limites dos negocios publicos do foro e da politica; mas como diz um auctor de nota, se a educação dos homens entre nós é incompleta, para logo se ve quanto deve ser deficiente a das mulheres.

Na sua *Voyage au Brésil* Mr. Agassis, foi com a mais justa razão que discorrendo sobre a nossa acanhada instrucção, assim se exprimiu: « Pouco tenho a dizer das eschololas de meninas. O Brazil quasi não se importa com a educação das mulheres. O nivel do seu ensino mesmo é pouco elevado. Até nos collegios frequentados pelas filhas das classes ricas, todos os mestres se queixam de lhes serem tiradas as alumnas, justamente na idade em que a intelligencia começa a desenvolver se. »

E a prova disto vemos na *Gazeta de Noticias de Outubro de 1885*, que de seis milhões de senhoras, cinco milhões trescentas e vinte cinco mil são analphabetas!!

Ninguem pôde contestar diz Neville, que a sociedade de qualquer nação, não seja modelada pelas mulheres.

analphabetas em  
fem.

ellas não fazem as leis, mas amoldam o espirito dos legisladores; e segundo a opinião de um notavel escriptor, « se ao homem cabe a missão de fundir nos moldes preparados pelo espirito nacional, a formosa estatua da *Civilisação*, a mulher o suave encargo de limar as asperezas da fundição, e de aperfeiçoar e completar a obra do homem. »

Nesta partilha ve-se que são igualmente elevados e absolutamente irmãos os destinos do homem e da mulher.

E se o progresso actual individualisou o servo libertando o, deve tambem individualisar a mulher egualando-a ao homem pelo desenvolvimento de todas as suas faculdades, com o fim de preencher dignamente, cada uma a sua missão na sociedade como filha, como esposa e como mãe.

S. Paulo.

ANALIA FRANCO



## A's Mães

É do intimo e mysterioso recesso da familia, onde se divinisam as grandes virtudes, que são o filho querido para o rude combate da lucta pela vida.

É, se a influencia profunda, incessante, quasi soberana que as mães exercem sobre os filhos com os seus exemplos, os seus conselhos e ás vezes com as suas lagrimas, for congnitamente aproveitada no louvavel intuito de desenvolver os nobres instinctos que engrandecem ao homem, estamos certos de que jamais a mão do crime extinguirá do seu coração o sello indelevel das virtudes que lhe foram incutidas.

Sobre este assumpto assim se expressa um notavel escriptor: « Principia a educação no berço da criancinha recentemente nascida, e já a pronunciar natureza revel e ruim de caprichos que é mister sopcar-lhe.

E' portanto a mulher a primeira mestra do homem, seu primeiro instrumento e talvez ultimo de educação.

Não a exauthoremos de tal privilegio, porque de Deus lhe vem, ao interpol-a em meio dos homens, anjo do bem-fazer e do amor.

A mais desgraçada educação é uma, em que não se nos deparam vestigios de mulher, que quebra com affectos a rigidez das paixões fogosas e matiza a sociedade humana com uns realces de condescendencia mutua — symbolo exterior e profundo de civilização. »

Se as mães teem, pois, a parte mais importante e seria na educação da primeira idade, que é quando se formam o gosto e as observações que toda a vida nos encaminham; justo é que o seu desenvolvimento physico, moral e intellectual não seja mais comprimido nos atrophiadores moldes, que nos legou a idade media.

E, effectivamente, essa educação longe de dispol-as para a nobre e elevada missão que as espera na sociedade, procura attingir fins inteiramente oppostos áquelles que se deveria desejar.

Entretanto ninguem deixará de convir, que em relação á sua instrução manifesta-se um movimento progressivo, e que existe tal ou qual empenho em instruil-as, porem bem superficialmente; quando da educação parte inseparavel da instrução, nem no lar domestico, nem nos estabelecimentos apropriados ao ensino, quasi ninguem d'ella cuida.

Trabalha-se incessantemente para ornar-se a memoria mas o entendimento e a consciencia jazem adormecidos.

Ouçamos em referencia e isto, a vóz authorisada de Aimé Martin:

« A menina deve ser bella e polida para attrahir a attenção e agradar; deve ser meiga e submissa, para ser ouvida e estimada, diz uma mãe a sua filha; o que tanto vale dizer-lhe: em tudo deve substituir as apparencias á realidade, — vaidade nos adornos, vaidade nos talentos agradaveis, vaidade na instrução.

Com poucas excepções o que constitue hoje a educação, é o parecer e não o ser,

O que a vaidade diz é o que a mulher quer, e o que o homem executa; tal é o curso do mundo.

E o que succede ?

A volubilidade d' um sexô influe necessariamente nos habitos do outro : ellas são futeis para agradarem: é preciso que os homens se tornein frivolos para, por sua vez, as seduzirem. »

D'ahi provem sem duvida, muitos dos males que affligem a sociedade, que affrouxam os laços da familia que enfraquecem a sua energia primitiva, sujeitando a vida a fórmulas caprichosas, e as vezes degradantes.

E, como diz Mme. Bernier, a ignorancia em que as mulheres estão dos seus deveres e o abuso que fazem do seu poder, fal-as perder o mais bello e o mais precioso dos seus dotes — o de serem uteis.

No meio da decadencia moral d'esta epocha, em que vê-se gradualmente ir se extinguindo do coração do povo a confiança na crença piedosa, em que a unica paixão predominante é accumular riquezas, d'onde resultam esse egoismo marmoreo, essa indiferença glacial e orgulhosa que quasi nos teem feito olvidar o santo amor da humanidade, só as mães podem impedir a infesta torrente do materialismo, que ameaça invadir tudo.

Sim, aquellas que aspiram a felicidade dos seus filhos, a solidez e aconchego do seu lar, devem juntar-se aos esforços de todos que amam ao bem, para educar dignamente a nova geração, em cujas mãos estão os destinos de amanhã; tendo em vista que a instrução por si só é uma arma perigosa, e que o seu cultivo unicamente não basta para o engrandecimento da humanidade; que tambem lhe é indispensavel essa cultura moral, esse pensamento religioso despido dos prejuizos e superstições d' outras eras, afim de tornal-a feliz pela virtudes, pela intelligencia e pela luz.

S. Paulo.

*A um Passarinho*

O que tens, — meu passarinho,  
Tão calado e tão sozinho  
N'esta triste solidão?  
Não ouves os sons suaves,  
Os gorgeios de outras aves  
Que por ti chamando estão?

Que fazes assim no mundo  
Neste desgosto profundo,  
Tão só o tão triste assi?  
Porque é que elle emmudece  
Quando tudo rir parece,  
Quando tudo canta e ri?

Não ves como as borboletas  
Osculando as violetas,  
Esvoaçam n' amplidão?  
E que dor mudou te os dias  
Repassados de alegrias,  
Em tristeza e afflicção?

Oh! que dor te opprime em vida,  
Que a fronte enlanguecida  
Ai! tão cedo te descae?  
Hontem — vi-te tão contente  
E cantando docemente,  
Hoje — triste soltanto ai?

Ah! eu sei... já adivinho!  
Não cruel roubou-te o ninho,  
Tous filhinhos — teu amor!  
E assim triste e isolado,  
No teu peito amargurado  
Só tens pranto, ais e dor!...

*Antonio Dantas Barbosa.*

## IDILIO AGRESTE

## I

A alguns kilometros da fóz do Sapucahy-mirim, para o lado oriental, junto a uma bella propriedade rural graciosamente emmoldurada em um circulo de montanhas, via-se a caminhar pelo macadam da sinuosa estrada que conduzia á rustica vivenda, um moço vestido a paisana com elegancia, mas sem affectação.

O caminho desdobrava-se até uma estensão interminavel, ora por entre as avelludadas alfombras, que orlavam a margem do rio, ora a serpear por sobre o dorso de montanhas cobertas da mais opulenta e exuberante vegetação. Começava o horisonte a tingir-se com todos os aureos cambiantes de luz crepuscular, quando elle conseguiu galgar o cume, algum tanto agudo de uma collina de consideravel altura, o que tornava-a mais proeminente do que as outras circunjacentes. N'esse aprasivel local parecia reinar uma eterna primavera luminosa. Alli os festões verdes esmaltados por mimosas flores de variegado matiz formavam doceis delicadamente rendilhados á sombra das arvores collossaes que as abrigavam.

Nada, porém, era comparavel á vista grandiosa e imponente da aprazivel paisagem alpestre que d'alli se gosava d' um ambiente saturado des mais suaves e deliciosos perfumes.

No espaço comprehendido entre as montanhas e os varzedos distendiam-se florestas dilatadas em ondulações gradativas por montes, por valles e por altas ribanceiras, até perderem-se no ponto em que a vista já não podia abranger.

Christallinas cascatas se despenhavam dos montes e iam espraiair as suas aguas, ora suavemente pelas campinas em alveos de finas arcias, ortadas de tufos de verdura; ora revoltas, rolavam impetuosas pelos penhascos sussurrantes na sua impotente furia até sumirem-se nos intimos recessos de grotas mysteriosas e profundas. E lá ao longe, muito longe, alvejante por entre o verde lustroso das larangeiras e dos li-

mociros, destacava-se em uma ameníssima situação, a graciosa habitação d'onde o moço parecia ter vindo. O sol já quasi occulto dourava com os seus ultimos fulgores, de um ouro pallido as proeminencias das serras, ao passo que soergue-se do fundo dos varzedos allumiados por luz esbatida, uma sombra demasiado intensa que lentamente ia invadindo toda a paisagem.

O moço que parecia ter-se esquecido de prosseguir o seu caminho deteve-se extatico, como se realmente o deslumbrasse o panorama esplendido que tinha ante os olhos, o qual entretanto elle não via, tão absorto estava nas suas tristes cogitações.

Genesisio, era o seu nome, em extremo fatigado sentou-se sobre uma pequena pedra musgosa, collocando junto ao tronco de vigorosa palmeira a sua espingarda de caça, da qual ainda se não tinha servido, e antes pelo contrario d'ella se esquecera completamente, sem embargo de tel-a consigo toda aquella tarde. Elle era alto, magro, tinha os cabellos e o bigode pretos, a fronte elevada, pensativa e sulcada por signaes quasi imperceptiveis que pareciam rugas. Nos seus labios assás descoloridos, pairava um constante sorriso algum tanto desdenhoso que á primeira vista tornava-o pouco sympatico e attrahente.

Quem o observasse porém detidamente, veria na vaga expressão dos seus grandes olhos negros scintillantes, o quer que seja de suave e de mysterioso que prendia e captivava a attenção.

Nas feições desfeitas e sombrias do moço, divisava-se uma estranha expressão de profundo desgosto.

Com a cabeça curvada sobre o peito meditava tristemente, em quanto a suavissima melodia d'um sabiá pousado sobre a palmeira visinha eccoava-lhe aos ouvidos como uma harmonia estranha; parecendo-lhe que as vibrações d'aquelle canto dulcissimo, reveviam-lhe n'alma todas as angustias.

## II

Genesisio era orphão, nunca gozara das santas affeições da familia, e nem mesmo conhecera os seus pais. Desde muito

creança foi entregue a um tio fazendeiro opulento, a quem tudo devia.

O tio Vasconcellos tendo em mira fazer do sobrinho, a quem sinceramente estimava, o esposo da sua unica filha, bem depressa o enviou a um collegio distante, e pouco tempo depois a Coimbra, onde elle recebeu o grão de bacharel.

Seggregado da convivencia dos parentes; acostumado a viver sempre só, a concentrar em si todas as suas impressões, Genesisio adquiriu o habito da solidão e do isolamento o que tornara-o um pouco selvatico.

Mas atravez da timidez desconfiada do seu character excentrico e concentrado, o tio Vasconcellos reconhecera a nobresa e lealdade da alma generosa e boa do sobrinho, e sentia-se feliz á lembrança de vel-o brevemente ligado á sua querida Olivia. Desde que lhe morrera nos braços a esposa, todo o seu affecto concentrou-se exclusivamente na filha que resumia em si o seu universo. Essa graciosa creança de olhos negros, labios nacarados, que desabrochava livremente com toda a exuberante florescencia de sua mocidade; aos quinze annos revolteava ainda pela casa alegre, travessa, a sorrir, a sorrir sempre com a angelica e ineffavel candura de um cherubim de Guido. Nem a perspectiva do seu proximo casamento, nem a presença do primo bacharel a quem desde a infancia habituaram-n'a a reconhecer por noivo, nada emfim impedia-lhe de brincar descuidosa pelo jardim ou pelos prados correndo apóz as borboletas multicores.

O tio Vasconcellos desejava vel-a um pouco mais grave e seria ao pé do noivo; mas ella é que não estava disposta a desfazer-se dos seus habitos de creança.

Muitas vezes a passeio em volta das plantações, esquecia-se de repente dos ademanes de senhora, que affectava em presença do noivo para agradar ao pae, e pelo mais insignificante insecto, pela mais simples flôr sylvestre galgava destimida as gargantas dos despenhadeiros, soltando uma gargalhada argentina e doce ao ver os sustos do pae e a solicitude do noivo que apressava-se em estender-lhe a mão, como se

recciasse a sua quédá. A alma ingenua e bondosa da menina desenvolvia-se com todas as bellas qualidades, apesar dos mimos e da excessiva indulgencia do pae, obediente a todos os seus caprichos.

E cousa siugolar, aquella menina acostumada a atmosphera do luxo rodeiada da admiração e lisonjas de todos que a cercavam, jamais se lembrara de assumir esse ar desdenhoso e superior, tão commum équelles que veem sempre advinhados e satisfeitos todos os seus desejos.

O noivo julgava amal-a, e considerava-se feliz a contemplar a suavidade tranquilla da graciosa menina, em cujo semblante irradiava a alegria descuidosa da idade dos sonhos e das illusões.

### III

Estavam as cousas n'este ponto quando um amigo de Vasconcellos, residente na cidade da Campanha, ficou viuvo, e sendo-lhe preciso emprehender uma longa viagem foi obrigado a confiar-lhe a sua filha Evangelina até o seu regresso. A moça era afilhada do pae de Olivia e trez annos mais velha do que ella.

As duas orphãs apesar da diversidade da idade e temperamentos, não tardaram a unir-se estreitamente ligadas pelos doces vinculos de irresistivel sympathia. Airosa, flexivel e aerea como as virgens de Schiller, Evangelina era d'uma consistencia debil e nervosa. E se o destino collocara-a em situação diversa da amiga quanto aos bens da fortuna, em compensação doutou-a amplamente com todos os dons de belleza e graças do espirito.

O rosto, d'um oval fino, era puro como o lyrio, emolduravam-n'o os anneis abundantes dos seus cabellos louros e sedçosos. No limpido fulgor dos seus grandes olhos azues e scismadores, reflectia-se a adoravel candura, a simplicidade desprerenciosa e ingenua de sua alma pura como as candidas rosas de Corintho.

Quando Genesisio a viu pela primeira vez, elle executava no piano, uma d'essas tristes melodias de Pergolese.

A sua organização nimiamente debil como a da sensitiva, parecia soffrer então uma forte emoção. E que os sons harmoniosos do instrumento, trasiam-lhe á lembrança saudades da mãe que acabava de perder, e por quem ainda vestia lucto pesado.

A notavel belleza da moça produziu em Genesisio uma profunda impressão uma d'essas impressões que se recebe uma unica vez na vida — e nunca mais se apaga.

Quando Evangelina ergueu-se do piano com os olhos marejados de lagrimas, encontrou-se com Genesisio. O olhar de ambos crusou-se como um relampago, e n'aquellas duas almas que se encontravam pela vez primeira na vida, passou o quer que era de mysterioso; porque instinctivamente estremeram e abaixaram os olhos.

Evangelina por uma d'essas intuições que Deus concede a certos espiritos privilegiados, tudo advinhara, sentindo-se ao mesmo tempo ferida por uma apprehensão.

« O coração da mulher, diz Octavio Feuillet, é um órgão infinitamente mais delicado que o do homem. Parece que a sua sensibilidade sempre destendida e vibrante é avísada por fluidos mysteriosos, fazendo-a advinhar antes de ter comprehendido. »

Quanto a Genesisio, lembrando-se da palavra que dera ao tio, e incapaz de transigir com as promessas feitas á noiva, resolveu á todo o custo suffocar os germens da sua recente inclinação.

Sentindo instinctivamente a imperiosa necessidade da solidão, fugia sempre da casa do tio, evitando-o o mais que lhe era possivel, mostrando-se em extremo frio e reservado para com Evangelina, e repellindo tacitamente toda a occasião que se lhe offercia de fallar-lhe nos curtos instantes em que ficava a sós com ella. Muitas vezes mesmo no meio da conversação animada e alegre da noiva, que na sua gentil garridice e quasi infantil loquacidade lhe ia descobrindo todos os bellos predicados que tantos distinguiam a amiga, elle arrastado por uma indefinivel melancolia, ficava longo tempo

em silencio, a fitar tristemente as formosas nuvens que esmaltavam a cupula celeste, a interrogar sem duvida os arcanos das regiões ignotas do infinito.

A ingenua menina acostumada ás excentricidades do noivo, sempre tão calado, tão frio, nem de leve suspeitava a mudança d'aquelle coração que já lhe não pertencia.

## IV

Apesar porem da simulada indiferença do moço, Evangelina que aprendera a ler no semblante grave e triste de Genesio, todas as suas impressões, bem via a lucta do sentimento que se lhe travara no peito. Ella via-o instinctivamente expandir-se n'um sorriso imperceptivel de intima satisfação se por ventura a via alegre, e tornar-se mais sombrio e triste se a encontrava pensativa.

Não raras vezes ella o tinha sorprendido a fitar-a em silencio, demoradamente como se procurasse descobrir no seu semblante uma scintilla de luz que lhe illuminasse o porvir.

Uma tal situação porém não podia durar muito tempo, e o infeliz Genesio sentia exaurir-lhe lentamente toda a energia no rude combate em que se empenhara.

Quanto mais elle tentava recalcar nos recessos d'alma a paixão abrasadora que o dominava, tanto mais ella revivia como a lava ardente d'um volcão. Em balde no seu impotente desespero apertava a cabeça entre as mãos, como se quizesse arrancar-a á força do espirito; mas a memoria sempre importuna, sempre insistente trazia-lhe á lembrança a suave visão da moça que elle julgava ver o todo o momento. N'um relance medio as suas forças e tremeu pela grandeza da lucta que a si impuzera.

E realmente como fugir a esse iman irresistivel que attrahe duas naturezas irmans, uma para outra?

E como resistir a essa sympathia e affinidades robustecidas pelo convívio de todos os dias?

Elle já não duvidava do amor que inspirara a Evangelina, mas essa certeza só contribuia para augmentar o seu

martyrio; sim, elle que tudo daria, tudo quanto podesse dispor na vida, afim de poupar-lhe um desgosto; via-a perder as vividas cores das faces, sempre triste, sempre recolhida n'um mutismo concentrado, como uma alma sonhadora condemnada a eterno soffrimento.

O embate de tantos desgostos não podia deixar de affectar-lhe o physico; Genesio tornou-se pallido, abatido, tendo no semblante a expressão do pezar, as palpebras vermelhas, as olheiras roxas e as faces encovadas.

Era só pela projecção de uma poderosa força de vontade que elle dominava-se ao pé da noiva, sem deixar transparecer a desordem que lhe ia n'alma.

S. Paulo.

ANALIA FRANCO

(Continúa)



## UMA VIDA MODELO

### X

Tendo-se decorrido alguns dias em que viviam placidamente na sua modesta vivenda de Nazareth, avisados por inspiração celeste, os dois santos esposos, trataram de fugir para o Egypto, afim de subtrahirem ao furor de Herodes o menino Jesus, a quem elle desejava tirar a vida.

Bem cedo começavam a cumprir-se as prophcias de Simeão no Templo. Essa fuga foi pois o inicio das amargas provações que iam ferir o amantissimo coração do Maria. Deixando as suas modestas alfaias e a pobre casa entregue ao cuidado d'uma sua parenta afastada, partiram confiados inteiramente na misericordia d'Aquelle que protege desde o passaro até ao insecto mais impercep-

tivel, e que rege a essa grande symphonia que lhe canta o hymno sublime da vida univorsal. A viagem era longa e porigosissima por ser em terras remotas e desconhecidas, tendo alem disso a necessidade de se occultarem pisando os trilhios mais asperos e solitarios.

Passavam as mais das vezes as noites ao relento, ou nas cavernas das montanhas, lugares esses que encezravam immensos perigos, por serem antros dos saltadores que infestavam tão inhospitas regiões.

Em Hebron no ter S. Isabel conhecimento do risco que corriam os seus parentes, cuidou tambem em occultar ao Baptista, assim do que não percesse na tormenta, antes porrem despachou um proprio á toda pressa no seguimento dos peregrinos, o qual os alcançou na cidade de Gaza situada no margem do Besor e distante 20 leguas de Jerusalem, alli lhes entregou varios presentes que para elles levava.

Os viajantes muito agradeceram aquello auxilio, que lhes fora um grato consolo na critica situação em que se achavam. De Gaza partiram os peregrinos pelos arenosos desertos de Bersabé que se estende para mais de sessenta leguas até a cidade Heliopolis hoje chamada Cairo.

Diz a tradição que á pequena distancia de Anathot, e nas vizinhanças de Ramla, d'onde se desce para as planicies da Syria um chefe de bandidos, que mais tarde tornou-se ce'ebro na historia do christianismo, cortou o passo aos dous esposos, sahindo de repente da cova d'um barranco, completamente armado.

Surprehendido em presouça da pobreza e humildade d'aquelles peregrinos, aliás d'uma coragem sem exemplo, visto viajarem privados de todos os meios de defeza, em paragens tão perigosas, ficou por alguns instantes a contemplal-os em silencio quasi extatico.

Depois como se sentisso despertar em si esse nobre iman que arrasta a força e o poder para os fracos e desamparados, ou como se um reflexo divino lhe tocasse até o intimo d'alma, estendeu lhes a mão e com a mais affectuosa

cordialidade, lhes offoreceu hospitalidade no seu castello que ficava alli proximo sob o pico quasi inacessivel de um rochedo.

Assim pois, segundo Orsino, o tecto d'um bandido deu abrigo por uma noite ao Redemptor. Esse saltador que se chamava Dimas, deu provavelmente alguma senha, com a qual os peregrinos atravessaram incolumes por entre os seus sicarios, postados em quasi todos os pontos, d'esses sitios, que assolavam então, zombando da espada do feroz Herodes, Favor osse que segundo a mesma tradição foi recompencado por Jesus, quando nas agonias do Calvario, disse ao culpado arrependido :

*« Em verdade te affirmo que hoje serás comigo no paraizo. »*

Os peregrinos durante o longo tempo de sua viagem que durou mais do 50 dias, tiverão mil occasiões de experimentar o especial cuidado com que Deus os livrou do immeros perigos.

Finalmente chegaram a cidade do sol sem se demorarem, alli foram se estabelecer em Matarich, linda villa rodeada do sycomoros, e banhada pela unica fonte de agua doce que rebenta no Egypto. Ahi n'uma pequena e humilde casinha, situada a pouca distancia da villa, viveu em socego a santa familia e a coberto da crueldade do Herodes, pelo espaço do sete annos.

S. Paulo.

(Continúa)

ANALIA FRANCO



## O Primeiro sorriso

No alvo berço mimoso  
Feito de vimes trançados,  
Sobre os fôlhos rendilhados  
Do travesseiro sedoso,

O pequenito dormia  
Qual entre as plumas do ninho  
Dorme o tenro passariinho  
Quando foge ameno dia.

Ao lado a mãe cuidadosa  
O brando somno espreitando  
Como a rola carinhosa  
Ao pé do ninho pousando:

Fitava o meigo semblante  
Do anjo seu adorado,  
Qual fita o lyrio no prado  
A vesper'strella brilhante.

E o pequenito dormia  
Tão ledo... talvez sonhasse,  
Talvez su'alma vagasse  
N'aquelle céu qu'entrevia!

Leve, leve a mãe cuidosa  
Na pura fronte infantil  
Pousando a bocca amorosa  
Estampa um beijo subtil.

Voaram os sonhos fugindo!  
Foge á terra o Paraíso!...  
Desperta o anjo sorrindo...  
Era — o primeiro sorriso! —

Delminda Silveira de Souza

## ALBUM DAS MENINAS

REVISTA LITTERARIA E-EDUCATIVA DEDICADA AS JOVENS BRASILEIRAS  
PROPRIEDADE DE ANA-JA EMILIA FRANCO

Pagamento por semestre	PREÇO DA ASSIGNATURA, \$5000 POR SEMESTRE Endereço: Largo do Arrouche, 58	Num. avulso R\$. 15000
---------------------------	--	---------------------------

## A nossa educação,

Contribuir para o progresso das luzes e aperfeiçoamento moral, tal deve ser o empenho d'aquelles que aspiram um elevado destino á patria, e sentem quanto ella se acha ainda d'elle distante.

A actividade consciente e racional que é o apagnio do homem, tem operado neste seculo a mais admiravel transformação; quer no mundo physico, quer no mundo intellectual; mas o triste preconceito que intelizmente prodomina em muitos espiritos antagonistas do nosso desenvolvimento physico, intellectual e moral, conserva-nos ainda comprimidas nos acanhados moldes de educação que nos legou a idade media.

Com rarissimas excepções os paes com uma glacial indiferença olham para o importante assumpto da educação de suas filhas, esquecidas de que ellas são as mães da humanidade, e que privado do desenvolvimento da razão e da reflexão, o espirito que não recebeu na infancia a impressão profunda e indelevel da yirtude gravada pela natureza e pela